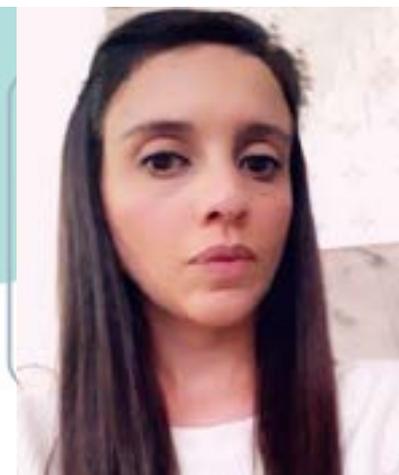


A FORMAÇÃO DA COMPETÊNCIA LEITORA DO ALUNO EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO



BRUNA MEIRA ALTINO

Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, 2010; Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Nove de Julho, 2011; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura de São Paulo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo constatar a influência do professor na formação da competência leitora, no que se diz letramento, do aluno em fase de alfabetização. O processo de ensinar a ler, se torna muito mais eficaz e significativo quando o aluno recebe os estímulos e incentivos adequados. Nessa etapa se faz fundamental a presença do professor para que o aluno adquira os subsídios essenciais para tornar-se um bom leitor. Para despertar na criança o prazer pela leitura é necessário conhecer tudo o que se pode adquirir através dela. Para aprender a ler, etapa considerada decisiva no processo de alfabetização/letramento, é preciso uma prática constante de leitura de textos diversificados e um dos locais mais indicados para que isso ocorra é na escola. O artigo foi fundamentado em autores que tratam sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Gêneros textuais; Professor/Aluno.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe reflexões acerca da formação da competência leitora do aluno alfabetizando e a importância de se trabalhar a leitura nas salas de aula. Partindo do seguinte questionamento: Qual a influência do professor na formação da competência leitora do aluno em fase de alfabetização? O trabalho a seguir tem por objetivo entender as necessidades do aluno em fase de alfabetização no que se diz a competência leitora; observar as possíveis contribuições do professor na formação na competência leitora do aluno alfabetizando e verificar a importância de o professor alfabetizador utilizar diferentes portadores de textos para a formação nesta fase.

Estudiosos afirmam que o professor que apresenta diversos gêneros textuais, que incentiva a leitura e propõe atividades que unam leitura e escrita, desperta não só o interesse, mas também contribui para a formação da competência leitora do aluno alfabetizando.

Este trabalho será fundamentado em autoras como Délia Lerner, Emília Ferreiro, entre outros. A metodologia desenvolvida é de revisão bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

O ensino da leitura deve ser entendido como prática social e uma ferramenta que conduza o aluno a cultura do mundo escrito, para que este, por sua vez, possa interagir em uma sociedade letrada. Mas como ensinar tal prática em sala de aula?

“O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores.” (LERNER, 2002, p. 17).

Para a autora a escola deve inserir seus alunos em uma comunidade onde leitores e escritores pratiquem a leitura e a escrita com destino social, com capacidade de abordarem e discutirem diversos assuntos, de produzirem e compreenderem textos significativos. E para que isso aconteça a criança tem que possuir uma herança cultural onde irá fazer relações textuais, relações entre autores, etc.

Segundo LERNER (2002), é necessário que a escola se transforme em uma comunidade de leitores e que estes utilizem a leitura como forma de resolução de problemas ou simplesmente um meio para obtenção de informações necessária para o dia-a-dia ou ainda utilizar-se da leitura como divertimento.

“O necessário é, em suma, preservar o sentido do objeto de ensino para o sujeito da aprendizagem, o necessário é preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os alunos se apropriem delas, possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam ser cidadãos da cultura escrita.” (LERNER, 2002, p. 18).

De acordo com LERNER (2002), é uma difícil tarefa, para a escola, pôr em prática o ensino da leitura e da escrita, antes disso ela precisa conhecer as dificuldades e necessidades em torno dessa tarefa.

“[...] Desde o princípio, a escola deve fazer as crianças participarem em situações de leitura e escrita: é necessário pôr à sua disposição materiais escritos variados, é necessário ler para elas muitos e bons textos para que tenham oportunidade de conhecer diversos gêneros e possam fazer antecipações fundadas nesse conhecimento...É necessário lhes propor também situações de produção que lhes representarão o desafio de compor oralmente textos com destino escrito[...].” (LERNER, 2002, p. 41).

Desde o início, a escola deve inserir a criança em um ambiente alfabetizador, por meio de livros, revistas, jornais, enfim qualquer material que vá contribuir para sua formação leitora. O contato com diferentes gêneros textuais é importante e significativo para o desenvolvimento da criança. Ainda que ela não saiba ler convencionalmente, ela já é capaz de fazer antecipações, questionamentos e críticas, estabelecendo relações com seu conhecimento de mundo, pois traz consigo o conhecimento prévio e, por meio dele, formula suas hipóteses iniciais.

LERNER (2002) afirma que a responsabilidade de atuar como leitor costuma ser somente do aluno, porém cabe também ao professor tornar-se modelo de leitor e proporcionar momentos de interação com a leitura. Ao ler uma história, ele deverá garantir um ambiente favorável, criando sensações como suspense, intriga, diversão e, ao final da leitura, deixar as crianças posicionarem-se sobre a mensagem ou sobre seus personagens preferidos.

A escola e/ou professor que trata a leitura como item obrigatório para estudo de matéria ou algo para ser feito somente dentro da escola não contribui em nada para que seu aluno se torne um leitor com função social, ou seja, um leitor que faça uso da leitura para solucionar seus próprios questionamentos.

O professor deve proporcionar caminhos que dê autonomia para seu aluno, ele deve expor textos narrativos, informativos, instrucionais, poéticos, publicitários, etc., pois é a partir desse contato que os alunos irão entender que a leitura pode ser utilizada para qualquer situação. Quando se lê para o aluno, o professor está ampliando seu conhecimento de mundo, ele proporciona diversos conteúdos de diferentes naturezas, ele está explicitando o comportamento leitor do aluno.

Para que o professor consiga atingir tais objetivos, ele deve explicar aos alunos o motivo pelo qual deseja compartilhar a leitura; deve demonstrar sua própria competência leitora mostrando-se surpreso, interessado, intrigado; o professor deve manifestar sua opinião sobre o que foi lido e incentivar que os alunos façam o mesmo e por fim deve ajudar o aluno a entender o significado do texto partindo do contexto e não explicar somente as palavras consideradas difíceis.

“Mostrar por que se lê, quais são os textos a que é pertinente recorrer para responder a certa necessidade ou interesse, e quais são mais úteis em relação a outros objetivos, mostrar qual é a modalidade de leitura mais adequada quando se persegue uma finalidade determinada, ou como pode contribuir para a compreensão de um texto o que já se sabe acerca de seu autor ou do tema tratado... ao ler para as crianças, o professor “ensina” como se faz para ler.” (LERNER, 2002, p. 95).

Para a autora o professor, ao ler para seus alunos deve deixar bem claro a finalidade (objetivo) da leitura: para que serve, o que “ganho” lendo determinado texto, qual o melhor texto/leitura para resolver um problema ou uma simples indagação. Esses questionamentos devem sempre surgir no início de uma leitura.

“A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas. [...]” (LERNER, 2002, p. 95).

Neste período cabe ao professor criar diversos momentos de leitura de diferentes gêneros textuais. No caso de uma história, ele deve criar um ambiente favorável, aproximar-se das crianças deixando o livro e imagens a mostra, criar sons e demonstrar sentimentos como raiva, amor, susto, etc., contar a história sem interrupções e, ao final da leitura o professor deve manifestar sua opinião sobre o que foi lido e é a partir disso que os alunos também irão relatar o que compreenderam da história.

Se, por outro lado, o professor queira utilizar-se de uma enciclopédia para sanar eventuais dúvidas dos alunos, ele deve recorrer a leitura do índice e mostrar que lá se encontram vários títulos sobre um mesmo tema e posteriormente discutirá com as crianças sobre em qual deles será possível encontrar tais informações, uma vez localizada o professor irá ler e explorar o texto para esclarecer junto com os alunos as dúvidas que surgiram do início da aula. (LERNER, 2002, p.96)

“Uma vez terminada a leitura, tanto no caso do texto literário como no caso do informativo, o professor põe o livro que leu nas mãos das crianças para que o folheiem e possam deter-se no que lhes chama a atenção; propõe que levem para casa esse livro e outros que lhes pareçam interessantes... Faz essas propostas porque quer que as crianças descubram o prazer de ler um texto de que gostaram, ou de evocá-lo olhando as imagens, porque considera importante que seus alunos continuem interagindo com os livros e compartilhando-os com outros, porque não considera imprescindível controlar toda a atividade leitora.” (LERNER, 2002, p. 96).

Após o término da leitura feita pelo professor e compartilhada com classe, ele deve dar continuidade a este momento, propondo que cada aluno leve livros para casa para observarem melhor o que lhes chamou a atenção. Com isso o educador incentiva e desperta no aluno a curiosidade por trás na leitura feita na sala: O que mais será que tem nesse livro? O que vou encontrar de diferente quando chegar em casa? Vou mostrar para os meus pais, será que eles vão gostar? Esses são pensamentos que as crianças manifestam ao levarem um livro para casa.

“O professor continuará atuando como leitor – embora certamente não com tanto frequência como no começo – durante toda a escolaridade, porque é lendo materiais que ele considera interessantes, belos ou úteis que poderá comunicar às crianças o valor da leitura.” (LERNER, 2002, p. 96).

Para FERREIRO (1992) o professor deve produzir diversos materiais para facilitar as ações da alfabetização, um deles são os materiais para ler.

“Em cada classe de alfabetização deve haver um “canto ou área de leitura” onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha escrita (jornais, revistas, dicionários, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos, etc.). Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças ou diferenças e para que o professor, ao lê-los em voz alta, dê informações sobre “o que se pode esperar de um texto” em função da categorização do objeto que o veicula.” (FERREIRO, 1992, p. 33).

Não basta somente ler livros para despertar na criança o prazer pela leitura, o professor deve proporcionar uma vasta variedade de materiais escritos. Além desta variedade, FERREIRO (1992) afirma sobre a importância de a escola não ser o único ambiente alfabetizador na rotina do aluno. Quando as crianças têm em suas casas outros materiais de leitura, não é tão grave que na escola se use um único texto. (FERREIRO, 1992, p.33)

A criança precisa ser estimulada a ler, não somente na escola com textos “pedagógicos”, mas também em casa com o auxílio da família. A leitura deve ser entendida como um instrumento facilitador e prazeroso no cotidiano na criança, tanto na escola como em casa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS, 1997), a leitura e a escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento, a escrita transforma a fala e a fala influencia a escrita.

“O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fontes de referências modalizadoras. A leitura, por outro lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.” (PCNS, 1997, p.40).

Considerando que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos, que a relação entre

leitura e escrita deve ser compreendida.

Entende-se por “bom” leitor, aquele que é capaz de selecionar textos que possam atender à sua necessidade e que consiga utilizar estratégias de leitura para a compreensão do que foi lido. (PCNS, 1997, p.40).

“Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.” (PCNS, 1997, p.41)

Para que o aluno se forme leitor, não basta somente ler um texto ou história, é necessário que ele domine outros tipos de conhecimentos, é necessário que ele consiga fazer relações, seleções, antecipações, inferências e verificações, do contrário ele irá ler somente por ler.

“[...] não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.” (PCNS, 1997, p.42).

Formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura, prática essa que não se restringe apenas aos recursos disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura. Algumas dessas condições, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS, 1997, p.43):

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- Organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia;
- Planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- Possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras;
- Garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões;
- Possibilitar aos alunos o empréstimo de livros da escola;
- Quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade;
- Construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar.

Além das condições descritas, são necessárias propostas didáticas orientadas especificamente no sentido de formar leitores. Algumas delas são: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura, entre outras. (PCNS, 1997, p.43 e 44).

“É preciso proporcionar aos alunos oportunidades de autocontrolar o que estão compreendendo ao ler e de criar estratégias para ler cada vez melhor, embora isso torne mais difícil conhecer os acertos ou erros produzidos em sua primeira leitura. [...]” (LERNER, 2002, p.24)

Para a autora não cabe somente ao professor, controlar o que foi lido pelos alunos. Ele deve proporcionar atividades e momentos em que a criança possa assimilar o que foi lido e até mesmo desenvolver meios que facilitem sua leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi estudado, quanto mais incentivos e estímulos a criança receber, mais interesse e prazer pela leitura ela terá.

A leitura deve ser ensinada e entendida como prática social, a criança deve ver sentido e entender a necessidade em se ler um jornal, uma receita culinária, uma revista, um livro que fala sobre a vida dos dinossauros, um texto informativo ou um bilhete deixado por alguém especial.

A criança, no decorrer do seu processo de desenvolvimento e de acordo com sua faixa etária, deve recorrer à leitura em diversos momentos de sua vida, seja para sanar uma dúvida, resolver um problema, comunicar-se ou simplesmente para o desenvolvimento de sua imaginação.

A variedade de materiais também é importante na formação de leitores, a criança precisa ter contato com os diversos gêneros textuais (livros, gibis, folhetos de mercado, revistas, entre outros) e tais materiais devem ser disponibilizados em sala de aula para o livre manuseio, escolha e apreciação/leitura, a sala deve se transformar em um ambiente alfabetizador com rodas e cantos de leitura e trocas entre os alunos.

O professor pode tornar-se um bom leitor, não somente um leitor com boa dicção, mas um leitor que envolva seus alunos e lhes transmita o melhor que a leitura pode oferecer: a independência.

A leitura não deve ser incentivada apenas no ambiente escolar, é muito importante que a criança receba estímulos e se familiarize com os livros desde o seu primeiro ano de vida.

Os pais devem proporcionar momentos de leitura compartilhada e também podem assumir o papel de “leitor” na contação de histórias.

Sabemos que a criança que é incentivada a ler em casa, quando inicia sua vida escolar possui mais “intimidade” com os livros e conseqüentemente com a leitura, ainda que esta não saiba ler. Os livros apoiam o desenvolvimento da linguagem, a ampliação do vocabulário e a criatividade da criança, além da descoberta do mundo imaginário.

Cultivar o hábito da leitura não é uma tarefa simples pois exige tempo, disposição e interesse por essa prática. No ambiente escolar, a leitura ainda é um tema que gera muitas discussões

e questionamentos, seja pela falta de incentivo do governo, problemas sociais, pela dificuldade da alfabetização inicial, de entender que não basta “ler por ler”, ou ainda por não termos professores capacitados em ensinar leitura como prática social.

A leitura deve ser introduzida de forma natural na rotina da criança, não deve ser algo imposto. Quando ler se torna um momento de descontração e diversão, criar o hábito se torna menos desafiador e muito mais prazeroso.

Dessa forma criar momentos para leitura só poderá gerar experiências positivas, pois a leitura tem papel fundamental na construção de uma sociedade pensante e é a chave para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso 25 de ago. 2023.